XXI ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
50 anos de Ciência da Informação no Brasil: diversidade, saberes e transformação social
Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXI ENANCIB

GT- 6 – Informação, Educação e Trabalho

PRINCÍPIOS NORTEADORES DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

GUIDING PRINCIPLES OF INFORMATION LITERACY

Dilva Páscoa De Marco Fazzioni - Faculdade da Polícia Militar de Santa Catarina (FAPOM)
Elizete Vieira Vitorino - Universidade de Federal de Santa Catarina (UFSC)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: *Objetivo* - este trabalho tem o objetivo de identificar princípios norteadores da competência em informação, a partir de entrevistas com estudantes de cursos pré-vestibular populares e gratuitos. *Metodologia:* configura-se em pesquisa social, com abordagem qualitativa e utilização de aspectos da fenomenologia. *Resultados:* foram identificados 11 princípios, que, em perspectiva holística, englobam estudos em ambientes domésticos, políticas públicas, estratégias pessoais de aprendizagem e de organização, entre outros. *Consideração final - o*s estudos sobre competência em informação devem ampliar suas abordagens, como mostram alguns dos princípios identificados e ainda pouco aprofundados na literatura.

Palavras-Chave: competência em informação; princípios norteadores; estudantes.

Abstract: *Objective:* this work aims to identify guiding principles of information literacy based on interviews with students from public and free college entrance courses. *Methodology:* it is a social research, with a qualitative approach and using aspects of phenomenology. *Results:* 11 principles were identified, which, in a holistic perspective, comprises studies in domestic environments, public policies, personal organizational and learning strategies, among others. *Final consideration:* the studies on information literacy need to go further, increasing their approaches, as shown by some of the guiding principles identified and still little discussed in the literature.

Keywords: information literacy; guiding principles; students.

1 INTRODUÇÃO

O Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Competência em Informação (GPCIn) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) realiza pesquisas que envolvem a competência em informação e suas interações com temas como cidadania, minorias sociais, ansiedade por excesso de informação, desinformação, profissionais da informação, educação a distância (EaD),

e saúde, além das dimensões da competência em informação – técnica, estética, ética e política. Este artigo traz um recorte da pesquisa intitulada "**Competência em informação e sobrecarga de informação em estudantes de cursos pré-vestibulares populares, públicos e gratuitos**: em busca de relações e de princípios norteadores", que se integra ao GPCIn e foi realizada pelas autoras de dezembro de 2020 a fevereiro de 2021, no âmbito de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN) da UFSC.

A pesquisa tratou de sobrecarga da informação e risco de vulnerabilidade no contexto da competência em informação, em estudantes de cursos pré-vestibulares populares e gratuitos da Grande Florianópolis, que têm como requisito de ingresso alunos de baixa renda e do ensino público. O objetivo geral foi compreender a sobrecarga de informação nesses estudantes com vistas à busca de relações e de princípios norteadores ao desenvolvimento de sua competência em informação. Foram estabelecidos como objetivos específicos: (a) descrever o cenário da competência em informação, sobrecarga de informação e a vulnerabilidade informacional, segundo a literatura; (b) identificar se os estudantes sentem a ocorrência da sobrecarga de informação e quais as possíveis relações com a competência em informação, e (c) investigar se os estudantes em fase pré-vestibular possuem vulnerabilidade informacional.

Os pressupostos teóricos apontam para uma visão holística da competência em informação, comparada à ecologia da informação. Nesta perspectiva, a competência em informação se apresenta nas dimensões técnica, estética, ética e política.

A coleta de dados de campo foi realizada por meio de entrevistas, das quais foram extraídos 11 princípios norteadores da competência em informação, sendo que uma parcela deles aborda aspectos consagrados na literatura, ainda que, em tese, os entrevistados não conheçam a fundamentação teórico-conceitual do tema. Outros princípios propõem novas discussões teóricas sobre a competência em informação.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa envolveu 38 entrevistados, com 18 a 53 anos de idade, estudantes matriculados em quatro cursos pré-vestibular populares e gratuitos da Grande Florianópolis, selecionados por meio de amostra intencional. Devido à pandemia da Covid-19, as entrevistas foram realizadas por meio de plataformas *on-line*. O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da UFSC.

A investigação se caracteriza como pesquisa social, com abordagem qualitativa e inspiração e emprego de alguns fundamentos da fenomenologia na coleta e análise dos dados, tendo em vista que a utilização integral dessa metodologia demandaria aspectos complexos e exaustivos, não contemplados nesta pesquisa. Nesse sentido, foi seguido roteiro que Giorgi (2012, p. 398) considera aplicável a todo método qualitativo, composto por cinco etapas: "1) a coleta dos dados verbais; 2) a leitura dos dados; 3) a divisão dos dados em unidades; 4) a organização e a enunciação dos dados brutos na linguagem da disciplina; e 5) síntese ou resumo dos resultados para fins de comunicação à comunidade científica".

Os 11 princípios norteadores foram identificados em meio às respostas, sem que houvesse formulação de perguntas diretas a respeito. O questionário, semiestruturado, abordou aspectos da **competência em informação** dos entrevistados (circunstâncias da busca de informação, como identifica necessidade de informação, sites mais utilizados para pesquisas de estudos, costume de ir à biblioteca, como elabora a estratégia de busca da informação, como avalia e seleciona a informação e as fontes de informação, de que forma utiliza a informação nos estudos, de que maneira busca melhorar o desempenho nos estudos com a informação, a forma como se organiza para compreender a informação, a rotina de estudos e estratégias para desenvolver competência em informação); aspectos da **sobrecarga em informação** (sentimento de sobrecarga e de prejuízo com a quantidade de informação, os sintomas psicossomáticos percebidos e o que faz para aliviar essa sobrecarga) e sobre **vulnerabilidade em informação** (dificuldades em relação ao acesso e em compreender a informação, o que faz superar as dificuldades, e se se sente impotente e/ou vulnerável diante da informação).

Cada item listado acima dentro de cada grupo correspondeu a uma pergunta. A leitura minuciosa das respostas buscou identificar as unidades de significação – a essência da intenção de cada fala dos entrevistados. As diversas unidades foram agrupadas em categorias, que permitiram a elaboração das conclusões, de onde foram obtidos os princípios norteadores. Por exemplo, entrevistados afirmaram que própria entrevista lhes provocou reflexões a respeito de seus comportamentos relativos à informação. Estas unidades se transformaram em uma categoria, que associada a outras categorias relacionadas gerou o primeiro princípio, que identifica a competência em informação como metalinguagem.

3 PERSPECTIVA HOLÍSTICA E AS DIMENSÕES DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

O tema competência em informação surgiu nos Estados Unidos na década de 1970, como abordagem da Ciência da Informação focada no usuário. Diante dos avanços das fundamentações teóricas e das tecnologias da informação, a competência em informação se preocupa com a capacidade que cada pessoa tem para lidar com o universo informacional, consolidando-se no amplo espectro da vida humana (estudos, lazer, saúde, trabalho e outros) e nas mais diversas abordagens (social, econômica, política). Portanto, a competência em informação é eminentemente holística.

Esta perspectiva holística foi adotada na identificação dos princípios norteadores propostos na pesquisa aqui relatada. As experiências dos entrevistados foram consideradas em um amplo conjunto de fatores, que incluem seus comportamentos, percepções, relacionamentos familiares, ambientes de estudo, entre outros. Esta amplitude é embasada em duas abordagens: a metáfora da "ecologia da informação" (DAVENPORT, 1998) e as dimensões política, ética, estética e técnica (PELLEGRINI, 2016; VITORINO, 2018).

A abordagem que Davenport (1998, p. 12) alegoricamente chama de "ecologia da informação" dá ênfase ao "ambiente da informação em sua totalidade", considerando valores, riscos e formas, objetivos e sistemas de informação utilizados. Reconhecendo os comportamentos social e informacional dos usuários, a perspectiva retira o foco na tecnologia e o passa para a pessoa (que se torna o centro do universo informacional), considerando um equívoco julgar que tecnologia possa resolver todos os problemas ou dificuldades.

No mesmo sentido, como processo, a competência em informação precisa incorporar conceitos, atitudes e valores para o desenvolvimento das habilidades necessárias ao domínio da informação. Trata-se da capacidade ou familiaridade com a qual as pessoas interagem com a informação e seus recursos para o aprendizado. Esse cenário envolve as dimensões técnica, estética, política e ética, que são interdependentes e não têm significado se não coexistirem equilibradamente (VITORINO; PIANTOLA, 2011; VITORINO, 2018). As quatro dimensões se apresentam em todo o contexto da relação das pessoas com a informação:

> [...] técnica, estética, ética e política constituem as bases sobre as quais se assentam tanto a informação transmitida e recebida, quanto a competência necessária para processá-la e utilizá-la de modo a agir significativamente na construção da realidade (VITORINO; PIANTOLA, 2011, p. 108).

A dimensão **técnica** está relacionada ao domínio e às habilidades no uso de recursos, incluindo os propósitos de solucionar conflitos e gerar oportunidades de informação. O aspecto

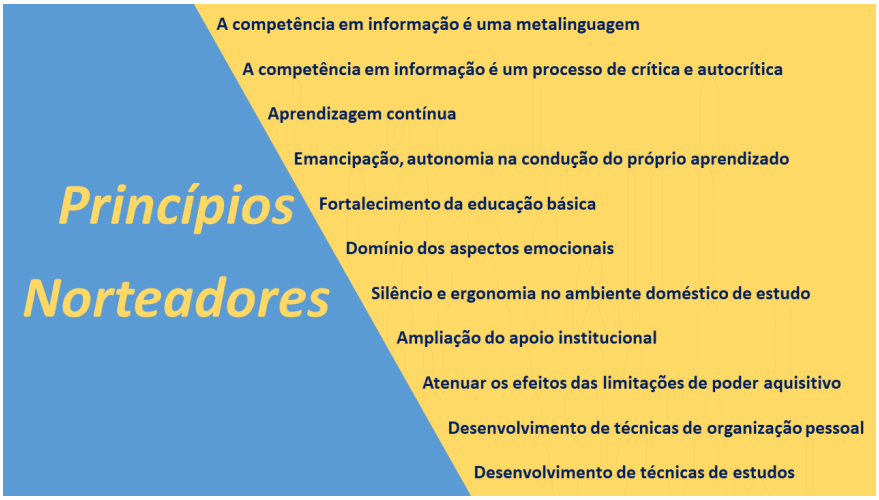
estético abrange a capacidade de percepção das relações interpessoais, "é demonstrada pela afetividade com os conteúdos informacionais com que se lida" (MENEZES; VITORINO, 2014, p. 89). Esta dimensão abrange ainda um olhar para "o sensível, a criação, a inovação e autonomia" como elementos da formação (inicial e contínua) das pessoas (VITORINO, 2018, p. 81).

A dimensão **política** versa sobre a cidadania, "trata da postura que demonstra a não omissão quanto às transformações na vida social" (MENEZES; VITORINO, 2014, p. 89). O acesso à informação e ao conhecimento possui como componente fundamental o exercício da cidadania no contexto democrático, a qual não se efetiva apenas no acesso universal, mas também à capacidade de compreender a informação. "A informação é elemento constituinte da cultura de um grupo, é, em sua essência, condição de permanência e instrumento de mudança" (VITORINO; PIANTOLA, 2011, p. 101).

Já a dimensão **ética,** diz respeito "ao bem coletivo, ao bem comum, ao uso responsável da informação e à cidadania" (MENEZES; VITORINO, 2014, p. 89), "à ação humana, com base em princípios para a orientação da boa conduta dos indivíduos" (PELLEGRINI, 2016, p. 201). A dimensão ética se baseia também no pensamento crítico em relação à informação.

A competência em informação é concebida como uma forma de aprender a aprender, de maneira que o aprendizado seja permanente, isto é, para toda a vida, e que as pessoas possam reaprender diante das mudanças que encontram em sua realidade e nos novos desafios que enfrentam no seu cotidiano, seja no âmbito acadêmico ou profissional.

Figura 1: Princípios norteadores da competência em informação



Fonte: Elaborada pelas autoras, a partir dos resultados da pesquisa.

4 RESULTADOS - PRINCÍPIOS NORTEADORES

Da análise das respostas das entrevistas foram extraídos 11 princípios norteadores (figura 1) da competência em informação, sendo que parte deles abordam aspectos consagrados na literatura, ainda que, em tese, os entrevistados não conheçam a fundamentação teórico-conceitual da competência em informação. Outros princípios apresentam-se como oportunidades de aprofundamentos das discussões sobre o tema. Os princípios também se consolidam em uma perspectiva holística, de acordo com a natureza da competência em informação.

Princípio 1 – A competência em informação é uma metalinguagem

A competência em informação fala de si própria. O conceito está na literatura – citado, entre outros, por Berrío Zapata (2012) – e foi reforçado nas entrevistas, com alguns exemplos. A entrevista gerou reflexões a respeito do tema, como destacaram E13[1] ("foi bem interessante [...] pra retomar um pouco dessas coisas e ver realmente o que eu já fiz e o que que ainda tenho que fazer") e E16 ("me fez refletir bastante sobre a informação, a importância dela").

Princípio 2 – A competência em informação é um processo de crítica e autocrítica

Enfoca uma visão ao mesmo tempo objetiva e subjetiva da informação, ou seja, a análise considera a informação em si e a relação que cada pessoa tem com ela – um viés de dentro para fora, olhando para a informação e outro viés de dentro para dentro da pessoa. "A melhor forma de consumir todos esses conteúdos [...] é fazer autocrítica e a crítica [...]. A crítica, porquê aquilo, porquê daquela forma, e a autocrítica, a partir de você olhar o seu presente, a sua realidade e ver qual é a sua relação com aquilo, que com certeza está completamente ligado. [...] (E02). Outros estudantes afirmaram que a entrevista realizada os levou a refletir sobre seus comportamentos. A visão crítica da competência em informação é tema de muitos teóricos, como (Johnston e Webber 2006) e Shapiro e Hugges (1996).

Princípio 3 – Aprendizado contínuo

[1] As pesquisadoras assumiram compromisso de manter o anonimato dos entrevistados. Assim, eles são identificados com a letra "E" seguida de número de ordem. As respostas dos entrevistados são transcritas com o critério de proximidade da norma culta da Língua Portuguesa, mantendo-se a forma como os estudantes se expressaram.

A pesquisa corroborou a perspectiva da competência em informação como o desenvolvimento da capacidade de aprender continuamente, do aprendizado ao longo da vida, presente na literatura (DUDZIAK, 2016; IFLA, 2005). Nesse sentido, um entrevistado afirmou que "a gente vive para aprender, por mais que tu não queira aprender [...]. Tá aprendendo todos os dias e [...] teve que aprender esse ano [2020, com a pandemia] a como estudar sozinho" (E29).

Princípio 4 – Emancipação, autonomia na condução do próprio aprendizado

Tema recorrente na literatura (BELLUZZO; SANTOS; ALMEIDA JÚNIOR, 2014; DUDZIAK, 2016; IFLA, 2005), a autonomia para os estudos proporcionada pela competência em informação é a emancipação da pessoa, que se torna uma cidadã livre e plenamente responsável pelo seu destino. E24 constata que o momento de vida, com ensino médio, pré-vestibular, mudanças e decisões "é bem sobrecarregado". As dificuldades lhe deram "maturidade, pra estudar, porque, nesse ano de 2020 [...] o conhecimento dependia mais de nós. Se o professor mandou a matéria e não consegui entender vou ter que me virar pra entender, tem que dar um jeito [...].

Princípio 5 – Fortalecimento da educação básica

Em grande número os entrevistados mencionaram dificuldade com as disciplinas exatas e alguns diretamente a deficiência na educação básica. "A educação tem que evoluir muito ainda. O acesso à informação que a gente realmente precisa". O estudante entende que o país precisa investir no ensino básico. "Não é tirar do [ensino] superior [...]. É investir de igual para igual, investir bastante na base e investir bastante no superior. Porque assim a gente vai ter pessoas evoluídas. [...] E o acesso à informação também tem que ter para todos" (E06). E12 e E08 citaram especificamente o ensino público como insatisfatório.

Princípio 6 – Domínio dos aspectos emocionais

Fatores de natureza psicológica ou emocional relacionados à informação, em especial a sobrecarga, foram detectados ao longo da entrevista. O tema é abordado na literatura por pesquisadores como Jan e Anwar (2019) e Wurmam (1991).

Entrevistados mencionaram sensações relacionadas à sobrecarga de informação, agravadas com a pandemia. As mais citadas: ansiedade, tristeza, infelicidade, estresse. A baixa autoestima foi citada com palavras fortes como "não tenho competência" (E09), "me senti

incapaz, burro" (E27), "acha que a pessoa está [...] entre aspas, muito burra" (E07). Com 18 anos, E25 reconhece que a sobrecarga de informação em sua idade " é bem comprometedora, porque as taxas de depressão e suicídios só sobem".

Princípio 7 – Silêncio e ergonomia no ambiente doméstico de estudo

As entrevistas demonstraram a importância do apoio familiar no desenvolvimento dessa competência em estudantes do ensino básico. Dificuldade de concentração por causa de barulhos e ruídos (E32, E17, E04). E09 conta que a mãe cuida em casa – sala, cozinha, um quarto e um banheiro – de oito crianças de dois a 11 anos, além de vender diversos produtos por catálogo. "Toda hora chega uma pessoa aqui" (E09). A ergonomia dos móveis é outro tema, citado por diversos estudantes (E26, E38), além daqueles que encontraram soluções, ainda que caseiras, para o problema (E33, E34, E23).

Princípio 8 – Ampliação do apoio institucional

Aproximadamente dois em cada três entrevistados consideram o uso de bibliotecas para realizar pesquisas. Alguns manifestaram um apreço especial por esse ambiente. E15 sugeriu a instalação de bibliotecas nos bairros, para oferta de conteúdo ou mesmo acesso à internet.

Princípio 9 – Atenuar os efeitos das limitações de poder aquisitivo

Políticas públicas que favoreçam o aumento do poder aquisitivo das famílias, oferta de sinal público de internet, programas de apoio à aquisição de equipamentos ou oferta de serviços em bibliotecas de bairro poderiam ajudar a mitigar problemas citados nas entrevistas. Cursos pré-vestibular gratuitos, como aqueles nos quais foi desenvolvida esta pesquisa, contribuem para que pessoas de baixa renda tenham mais oportunidades de acesso à universidade.

Princípio 10 – Desenvolvimento de técnicas de organização pessoal

Há uma percepção geral quanto a dificuldades de estabelecer prioridades, concentração, foco e persistência nas técnicas de organização pessoal. "Eu já tentei me organizar de todas formas e não consigo, então eu só tô vivendo um dia de cada vez e vejo como eu produzo melhor naquele dia" (E35).

Princípio 11 – Desenvolvimento de técnicas de estudos

Neste caso, se constata que os estudantes adotam a linha de tentativa e erro na definição de uma estratégia. As mais comuns são formas de escrever à mão – resumos, anotações, anotações em papéis adesivos; confeccionar mapas mentais. Além disso, falar sobre os temas com amigos e familiares ou mesmo sozinho ajuda na fixação dos conteúdos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa, os estudantes demonstraram que eventualmente se sentem vulneráveis em informação, especialmente com a sobrecarga, da qual relatam sintomas psicossomáticos. Mesmo assim, em sua maioria afirmam não se sentir prejudicados com a sobrecarga, que consideram inerente ao atual momento histórico. Além disso, a investigação permitiu identificar os 11 princípios já apresentados. Uma preocupação recorrente é quanto à confiabilidade de fontes e informações, notadamente no que se refere ao risco de consumir ou disseminar *fake news* e, mesmo sem deter conhecimento explícito sobre o tema, eles trazem reflexões pertinentes sobre particularidades consagradas na literatura.

Propostas para futuros estudos: a) analisar o ambiente de estudos de alunos da educação básica e complementar referente as questões de ergonomia e condições para estudar em casa; b) identificar fatores que influenciam no desenvolvimento da ansiedade e angústia; c) investigar a participação ativa dos pais e responsáveis no desenvolvimento dos estudos.

REFERÊNCIAS

BELLUZZO, R. C. B.; SANTOS, C. A. dos; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. A Competência em Informação e sua avaliação sob a ótica da mediação da informação: reflexões e aproximações teóricas. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 60-77, maio/ago. 2014. Disponível em: http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2014v19n2p60. Acesso em: 27 fev. 2018.

BERRÍO ZAPATA, C. Entre la alfabetización informacional y la brecha digital: Reflexiones para una reconceptualización de los fenómenos de exclusión digital. **Rev. Interam. Bibliot.** Medellín, v. 35, n. 1, p. 39-53, 2012. Disponível em: http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/RIB/article/view/13333/11932. Acesso em: 27 fev. 2018.

DAVENPORT, T. H. **Ecologia da informação**: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. Tradução: Bernadette Siqueira Abrão. 6. ed. São Paulo: Futura, 1998.

DUDZIAK. E. A. Políticas de Competência em Informação: leitura sobre os primórdios e a visão dos pioneiros da Information Literacy. *In*: ALVES, F. M. M.; CORRÊA, E. C. D.; LUCAS, E. R. de O. (orgs.). **Competência em Informação:** políticas públicas, teoria e prática. Salvador, BA: EDUFBA, 2016. p. 19-50.

GIORGI, A. Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas; teoria, prática e avaliação. *In*: POUPART, J. *et al*. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. p. 386-409.

International Federation of Library Association and Institutions. **Declaração de Alexandria sobre competência informacional e aprendizado ao longo da vida**. 2005. Disponível em: https://www.ifla.org/files/assets/wsis/Documents/beaconinfsoc-pt.pdf. Acesso em: 05 fev. 2019.

JAN, S. U.; ANWAR, M. A. Emotional Intelligence, Library. Use and Academic achievement of University Students. **Journal of the Australian Library and Information Association.** [S. l.]. v. 68, n. 1, p. 38-55, feb. 2019. Disponível em: https://www.tandfon-line.com/doi/full/10.1080/24750158.2019.1572482. Acesso em: 04 abr. 2019.

JOHNSTON, B.; WEBBER, S. As we may think: Information literacy as a discipline for the information age. **Research Strategies.** v. 20 p. 108-121, 2005. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0734331006000097. Acesso em: 04 abr. 2019.

MENEZES, P. L.; VITORINO, E. V. A Competência Informacional fundamentada na dimensão ética. **Em Questão**, v. 20, n. 2, p. 86-107, jul./dez. 2014. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/46044/32151. Acesso em: 11 mar. 2018.

PELLEGRINI, E. **A dimensão ética da competência em informação**: a experiência narrada dos bibliotecários do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC). 2016. 301 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2016. Disponível em: http://www.bu.ufsc.br/teses/PCIN0133-D.pdf. Acesso em: 20 jul. 2019.

SHAPIRO, J. J.; HUGHES, S. K. Information literacy as a liberal art: enlightenment proposals for a new curriculum. **Educom Review**, v. 31, n. 2, mar./abr. 1996. Disponível em: https://teaching.uncc.edu/sites/teaching.uncc.edu/files/media/article-books/InformationLiteracy.pdf. Acesso em: 25 abr. 2019.

VITORINO, E. V. A competência em informação e a vulnerabilidade: construindo sentidos à temática da "vulnerabilidade em informação". **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 47, n. 2, set. 2018. Disponível em: http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/4187. Acesso em: 04 mar. 2019.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Dimensões da competência informacional. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 40, n. 1, p. 99-110, jan./abr. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ci/v40n1/a08v40n1.pdf. Acesso em: 05 jun. 2018.

WURMAN, R. S. **Ansiedade de informação**: como transformar informação em compreensão. São Paulo: Cultura, 1991.